

# ASSISTÊNCIA À SAÚDE

## Relatório Analítico dos Investimentos

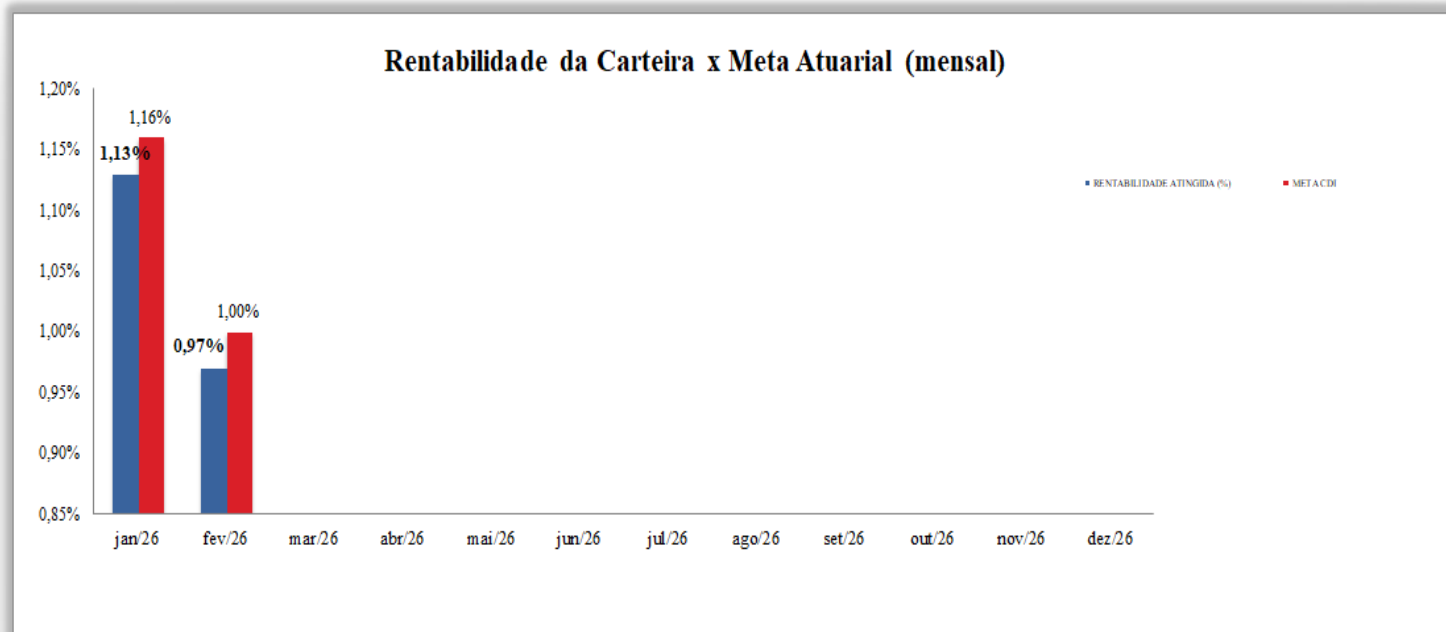
em fevereiro de 2026

Fundo	Resgate Carência	Saldo	Particip. S/ PL	Cotistas	% PL Fundo % RPPS/Fundo
21.743.480/0001-50 BANRISUL ABSOLUTO RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA LP	D+0 Não há	5.217.676,75	16,08%	514	0,07%
11.328.882/0001-35 BB IRF-M 1 TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF CIC RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO	D+0 Não há	7.940.492,53	24,48%	1.193	0,07%
10.740.670/0001-06 CAIXA BRASIL IRF-M 1 TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA	D+0 Não há	2.299.919,04	7,09%	1.137	0,02%
35.292.588/0001-89 BB ALOCAÇÃO ATIVA RETORNO TOTAL RESP LIMITADA FIF CIC RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO	D+3 Não há	3.645.690,35	11,24%	466	0,08% <b>58,50%</b>
13.077.418/0001-49 BB PERFIL RESP LIMITADA FIF CIC RENDA FIXA REFERENCIADO DI PREVIDENCIÁRIO LP	D+0 Não há	4.203.570,80	12,96%	1.318	0,02% <b>51,20%</b>
03.737.206/0001-97 CAIXA BRASIL RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA REFERENCIADO DI LP	D+0 Não há	5.290.769,66	16,31%	1.295	0,02% S/Info
05.164.364/0001-20 CAIXA RS TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA LP	D+0 Não há	3.811.944,19	11,75%	54	2,36% S/Info
11.902.276/0001-81 21 §2º I RECUPERAÇÃO BRASIL RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA LP	D+3 ou ... 90 dias	31.086,18	0,10%	19	1,22% S/Info

**PL Total: R\$ 32.441.149,50**

**PL Adm : R\$ 7.421.037,92**

**PL Assis: R\$ 25.020.111,58**

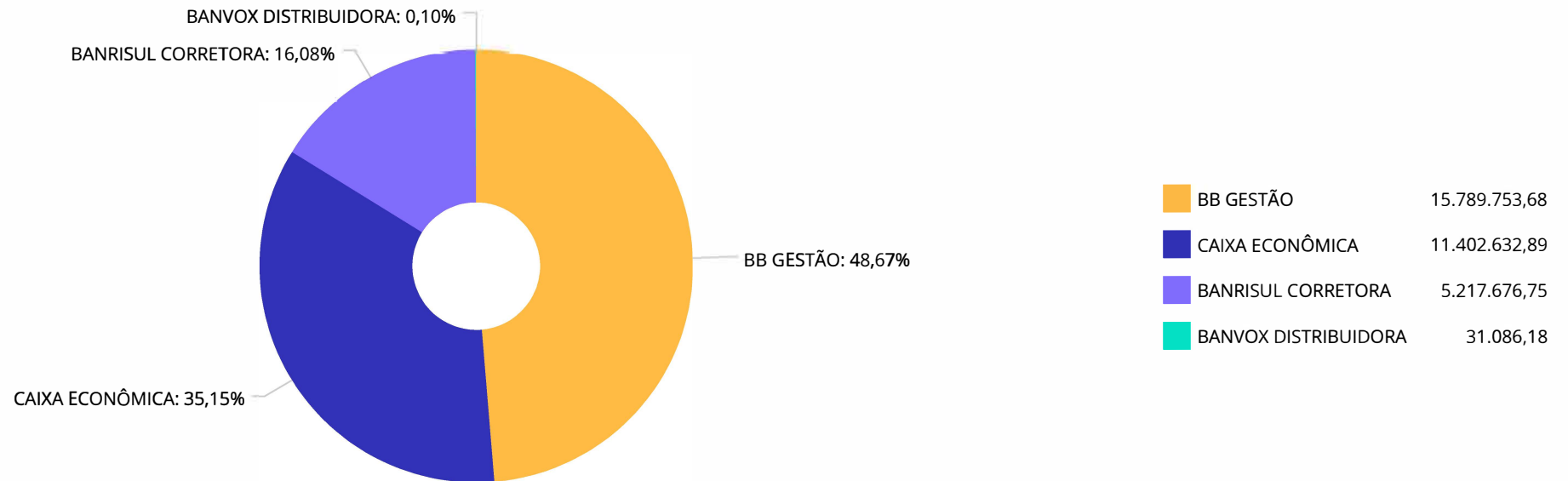


FONTE: IPASEM NH

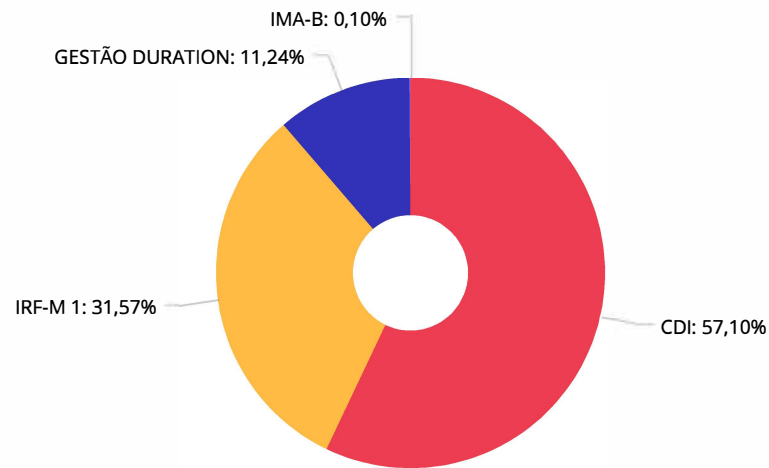
**Retorno dos investimentos e Benchmark's de ativos no mês de Fevereiro/2026 - RENDA FIXA**

	Mês	Ano	3M	6M	12M	24M	VaR Mês	Volatilidade 12M
<b>IRF-M 1 (Benchmark)</b>	1,02%	2,24%	3,42%	7,15%	14,69%	26,40%	-	-
BB IRF-M 1 TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF CIC RENDA FIXA PREV...	1,00%	2,20%	3,35%	6,98%	14,34%	25,62%	0,07%	0,26%
CAIXA BRASIL IRF-M 1 TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF RENDA FIX...	1,01%	2,21%	3,37%	7,04%	14,46%	25,88%	0,07%	0,26%
<b>IMA-B (Benchmark)</b>	1,79%	2,81%	3,13%	6,90%	14,54%	13,40%	-	-
RECUPERAÇÃO BRASIL RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA LP	16,34%	12,05%	7,23%	-2,64%	-18,60%	-47,65%	33,21%	503,27%
<b>CDI (Benchmark)</b>	1,00%	2,17%	3,42%	7,13%	14,50%	27,24%	-	-
BANRISUL ABSOLUTO RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA LP	0,99%	2,17%	3,41%	7,12%	14,46%	27,26%	0,01%	0,05%
BB PERFIL RESP LIMITADA FIF CIC RENDA FIXA REFERENCIADO DI PREVID...	1,01%	2,22%	3,47%	7,21%	14,60%	27,48%	0,01%	0,05%
CAIXA RS TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA LP	0,98%	2,22%	3,41%	7,11%	14,34%	26,71%	0,05%	0,11%
CAIXA BRASIL RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA REFERENCIADO DI LP	1,01%	2,19%	3,44%	7,15%	14,57%	27,52%	0,02%	0,04%
BB ALOCAÇÃO ATIVA RETORNO TOTAL RESP LIMITADA FIF CIC RENDA FIXA ...	1,04%	2,24%	3,47%	7,04%	14,19%	24,13%	0,09%	0,25%

Distribuição dos ativos por Administradores - base (Fevereiro / 2026)



Distribuição dos ativos por Sub-Segmentos - base (Fevereiro / 2026)

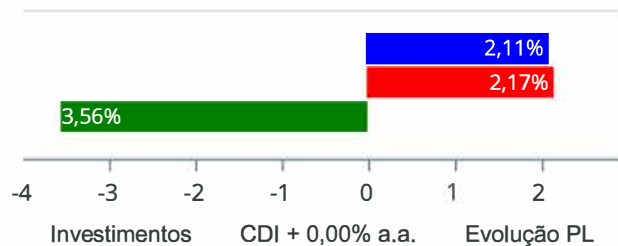


■ CDI 18.523.961,40 ■ IRF-M 1 10.240.411,57 ■ GESTÃO DURATION 3.645.690,35 ■ IMA-B 31.086,18

**Retorno e Meta de Rentabilidade acumulados no ano de 2026**

Mês	Saldo Anterior	Aplicações	Resgates	Saldo no Mês	Retorno	Retorno Acum	Retorno Mês	Retorno Acum	Meta Mês	Meta Acum	Gap Acum	VaR
Janeiro	33.638.760,93	2.570.000,00	3.530.550,44	33.056.826,28	378.615,79	378.615,79	1,13%	1,13%	1,16%	1,16%	96,68%	0,06%
Fevereiro	33.056.826,28	3.862.000,00	4.798.063,19	32.441.149,50	320.386,41	699.002,20	0,97%	2,11%	1,00%	2,17%	96,91%	0,08%

Investimentos x Meta de Rentabilidade x PL



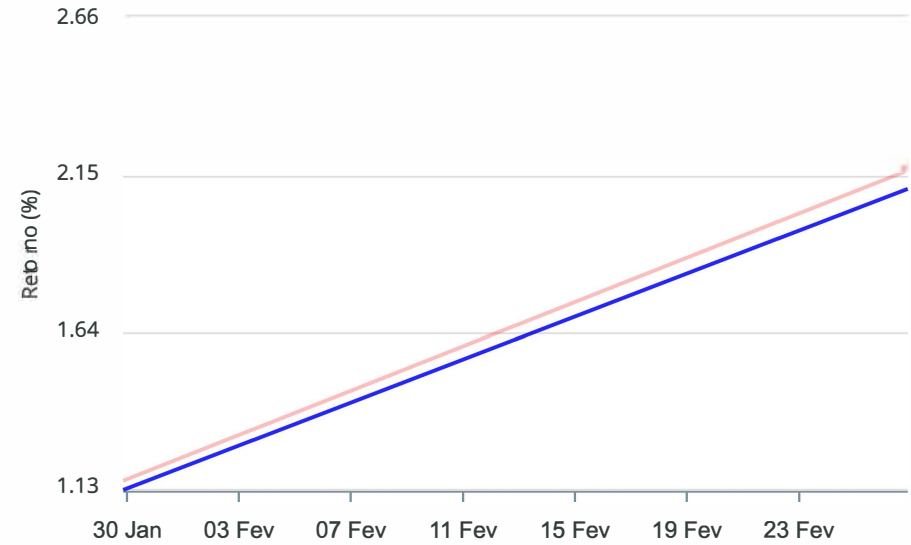
Gráficos ilustrativos de Evolução Patrimonial e indicadores

Evolução do Patrimônio



Comparativo

ANO 36M



- Investimentos
  - IMA-B 5
  - IMA-B 5+
  - IMA Geral
  - IRF-M
  - IRF-M 1+
  - Ibovespa
  - IBX
  - SMLL
  - IDIV
- Meta de Rentabilidade
- CDI
  - IMA-B
  - IMA-B 5
  - IMA-B 5+
  - IMA Geral
  - IRF-M
  - IRF-M 1
  - IRF-M 1+
  - Ibovespa
  - IBX
  - SMLL
  - IDIV

**Retorno dos Investimentos após as movimentações (aplicações e resgates) no mês de Fevereiro/2026**

**FUNDOS DE RENDA FIXA**

Ativos Renda Fixa	Saldo Anterior	Aplicações	Resgates	Saldo Atual	Retorno (R\$)	Retorno (%)	(%) Instit	Var - Mês
RECUPERAÇÃO BRASIL RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA LP	26.720,65	0,00	0,00	31.086,18	4.365,53	16,34%	16,34%	33,21%
BB ALOCAÇÃO ATIVA RETORNO TOTAL RESP LIMITADA FIF ...	3.608.079,49	0,00	0,00	3.645.690,35	37.610,86	1,04%	1,04%	0,09%
CAIXA BRASIL IRF-M 1 TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITAD...	2.276.920,04	0,00	0,00	2.299.919,04	22.999,00	1,01%	1,01%	0,07%
CAIXA BRASIL RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA REFERENC...	5.238.137,31	0,00	0,00	5.290.769,66	52.632,35	1,00%	1,00%	0,02%
BANRISUL ABSOLUTO RESP LIMITADA FIF RENDA FIXA LP	5.280.527,56	0,00	115.063,19	5.217.676,75	52.212,38	0,99%	0,99%	0,01%
CAIXA RS TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF RENDA ...	3.774.815,80	0,00	0,00	3.811.944,19	37.128,39	0,98%	0,98%	0,05%
BB PERFIL RESP LIMITADA FIF CIC RENDA FIXA REFEREN...	5.227.623,06	223.000,00	1.291.000,00	4.203.570,80	43.947,74	0,81%	1,01%	0,01%
BB IRF-M 1 TÍTULOS PÚBLICOS RESP LIMITADA FIF CIC ...	7.624.002,37	3.639.000,00	3.392.000,00	7.940.492,53	69.490,16	0,62%	1,00%	0,07%
<b>Total Renda Fixa</b>	<b>33.056.826,28</b>	<b>3.862.000,00</b>	<b>4.798.063,19</b>	<b>32.441.149,50</b>	<b>320.386,41</b>	<b>0,97%</b>		<b>0,08%</b>

## Disclaimer

Este documento (caracterizado como relatório, parecer ou análise) foi preparado para uso exclusivo do destinatário, não podendo ser reproduzido ou distribuído por este a qualquer pessoa sem expressa autorização da MOSAICO CONSULTORIA. As informações aqui contidas, tem por somente, o objetivo de prover informações e não representa, em nenhuma hipótese, uma oferta de compra e venda ou solicitação de compra e venda de qualquer valor mobiliário ou instrumento financeiro. Trata-se apenas uma OPINIÃO que reflete o momento da análise e são consubstanciadas em informações coletadas em fontes públicas e que julgamos confiáveis.

As informações aqui contidas não representam garantia de exatidão das informações prestadas ou julgamento sobre a qualidade delas, e não devem ser consideradas como tais.

A utilização destas informações em suas tomadas de decisão e consequentes perdas e ganhos não nos torna responsáveis diretos.

As informações deste documento estão em consonância com as informações sobre o(s) produto(s) mencionado(s), entretanto não substituem seus materiais oficiais, como regulamentos, prospectos de divulgação e outros exigidos legalmente. É recomendada a leitura cuidadosa destes materiais, com especial atenção para as cláusulas relativas aos objetivos, aos riscos e à política de investimento do(s) produto(s). Todas as informações podem ser obtidas com os responsáveis pela distribuição, administração, gestão ou no próprio site da CVM (Comissão de Valores Mobiliários) através do link: <https://www.gov.br/cvm/pt-br>.

Sua elaboração buscou atender os objetivos do cliente, considerando a sua situação financeira e seu perfil de investidor.

A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura e os produtos estruturados e/ou de longo prazo possuem, além da volatilidade, riscos associados à sua carteira de crédito e estruturação. Os riscos inerentes aos diversos tipos de operações com valores mobiliários de bolsa, balcão, nos mercados de liquidação futura e de derivativos, podem resultar em perdas aos investimentos realizados, bem como o inverso proporcionalmente. Todos e qualquer outro valor exibido está representado em Real (BRL) e para os cálculos, foram utilizadas observações diárias, sendo sua fonte o Sistema Quantum Axis e a CVM.

A contratação de empresa de Consultoria de Valores Mobiliários para a emissão deste documento não assegura ou sugere a existência de garantia de resultados futuros ou a isenção de risco. Cabe a Consultoria de Valores Mobiliários a prestação dos serviços de ORIENTAÇÃO, RECOMENDAÇÃO E ACONSELHAMENTO, DE FORMA PROFISSIONAL, INDEPENDENTE E INDIVIDUALIZADA, SOBRE INVESTIMENTOS NO MERCADO DE VALORES MOBILIÁRIOS, CUJA ADOÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO SEJAM EXCLUSIVAS DO CLIENTE (Resolução CVM nº 19/2021).

Na apuração do cálculo de rentabilidade da carteira de investimentos são considerados os recursos descritos no Art. 3º da Resolução CMN nº 4.963/2021, provenientes do recolhimento das alíquotas de contribuição dos servidores, exclusivamente com finalidade previdenciária, excluindo qualquer tipo de recurso recebidos com finalidade administrativa, em consonância com a Portaria MTP nº 1.467/2022, art. 84, inciso III, alínea "a".

Os RPPS DEVEM, independente da contratação de Consultoria de Valores Mobiliários, se adequar às normativas pertinentes e principalmente a Portaria MTP nº 1.467/2022 e suas alterações, além da Resolução CMN nº 4.963/2021, que dispõem sobre as aplicações dos recursos financeiros dos Regimes Próprios de Previdência Social, instituídos pela União, Estados, Distrito Federal e Municípios e dá outras providências.

### Cenário Fevereiro 2026

Fatos relevantes no cenário internacional, a tensão entre EUA-Israel e Iran escalou a expectativa de conflito na região do Oriente Médio, especialmente em função do fechamento do estreito de Ormuz, que corresponde à via marítima de transporte da produção de petróleo da região. A guerra Rússia e Ucrânia completou 48 meses sem expectativa de cessar-fogo.

No Brasil, conforme divulgado pelo IBGE o IPCA aumentou 0,70% em fevereiro, e 3,81% no acumulado de 12 meses. O INPC teve alta de 0,56% em fevereiro e acumula alta de 0,95% no ano e 3,36% nos últimos 12 meses.

No relatório FOCUS (23/03/2026), a projeção de 2026 do IPCA subiu para 4,17%, a estimativa do PIB subiu 1,84%, o dólar se manteve em R\$ 5,40, a taxa de juros no Brasil subiu para 12,50% em relação ao relatório anterior.

O Ibovespa, em fevereiro, valorizou 4%, o desempenho se deve ao fluxo de capital estrangeiro. O dólar apresentou queda acumulada de 2% no mês, atingindo cotações abaixo de R\$ 5,14, sendo os menores níveis nos últimos dois anos.

Segundo analistas de mercado, no campo fiscal, o Setor Público apresentou superávit primário do governo central e déficits de governos regionais e estaduais. A dívida líquida encerrou janeiro em 65,0% do PIB e a dívida bruta em 78,7% do PIB, estável em relação ao mês anterior. O caminho para atingir as metas de inflação segue lento mesmo com indicadores econômicos que demonstram uma desaceleração da atividade.

### Previdência

Em 2026, conforme a política de Investimentos da Previdência a rentabilidade das aplicações financeira terá a meta de **5,49 % +INPC** acumulado ao ano. O saldo do patrimônio investido foi R\$ 422.309.011,43 e o saldo da rentabilidade foi de R\$ 4.761.856,37. A rentabilidade atingida foi de 1,14% e a meta do mês foi 0,94%.

O fundo Recuperação Brasil e BB IMA-B 5+ tiveram os melhores retornos no mês, eles representam 6,95% do PL da carteira sendo o retorno total da carteira em 1,20%. Na renda variável o retorno sobre o valor total investido no fundo BB AGRO foi de 3,23%.

O total de movimentações em Aplicações foi de R\$ 33.359.000,00 e de Resgates foi de R\$ 19.288.341,71. A evolução do patrimônio no ano é de aumento de R\$ 6,94%.

A rentabilidade superou a meta devido à taxa de juros Selic permanecer alta e a renda variável continuar em cenário de valorização de cotas.

### Assistência

Em 2026, conforme a Política de Investimentos da Assistência à Saúde a meta para rentabilidade das aplicações financeiras está definida **no CDI** acumulado ao ano. O saldo do patrimônio investido foi de R\$ 32.441.149,50 e a carteira apresentou rentabilidade de R\$ 320.386,41. A rentabilidade foi de 0,97% e a meta mensal 1%.

Alguns fundos apresentaram a rentabilidade acima da meta do mês, os melhores retornos sobre os valores investidos foram do fundo Recuperação Brasil e BB RETORNO TOTAL , eles representam 11,34% do PL da carteira.

O total de movimentações em Aplicações foi de R\$ 3.862.000,00 e de Resgates foi de R\$ 4.798.063,194. O saldo do patrimônio investido diminuiu R\$ 615.676,78, representando -3,56% desde o início do ano.

A rentabilidade ficou próxima à meta, mas não superou porque a carteira está diversificada e o retorno ficou um pouco abaixo do CDI em alguns fundos.

# PANORAMA **FEVEREIRO**





# Panorama Econômico



# Panorama Econômico

## SÍNTESE DA LEITURA DO PANORAMA ECONÔMICO DOS PERÍODOS ANALISADOS

O cenário financeiro global, em **fevereiro de 2026**, vive um verdadeiro cabo de guerra: de um lado, a **euforia de uma bolsa brasileira** quebrando recordes históricos e um **Real** que se recusa a recuar; do outro, o calor das chamas geopolíticas no **Oriente Médio** que fez o petróleo disparar e redesenhou, em poucos dias, o futuro dos juros globais. É um momento de "duas velocidades", onde o sucesso do investidor depende de saber distinguir o ruído passageiro das tendências que vão ditar o ritmo do capital nos próximos meses.

Estamos à beira de uma virada crucial na nossa economia, e o mercado já começou a se posicionar para o que vem a seguir. Com a **Selic ainda no topo**, mas com a promessa de cortes batendo à porta, o dilema entre a segurança do conservador e a audácia de antecipar a queda dos juros nunca foi tão real. Este panorama não é apenas um resumo de eventos; é um mapa essencial para navegar em águas onde a indústria ainda busca fôlego, enquanto o fluxo estrangeiro mostra uma confiança inesperada no **Brasil**.



## INTERNACIONAL

### ESTADOS UNIDOS



#### ❖ CURVA DE JUROS

O mês de **fevereiro de 2026** iniciou com uma tendência de queda nos rendimentos dos títulos do Tesouro americano, motivada por indicadores econômicos mais fracos do que o esperado. O **Federal Reserve** havia mantido as taxas de juros entre **3,50%** e **3,75%** em **janeiro**, mas a perda inesperada de **92 mil** postos de trabalho e a alta do desemprego para **4,4%**, somadas à queda de **0,2%** nas vendas no varejo, levaram o mercado a prever cortes iminentes. Nesse cenário, o **Título do Tesouro de 10 anos (T-Bond)** caiu de **4,26%** para uma mínima de **3,97%** em **27 de fevereiro**, enquanto a **Nota do Tesouro de 2 anos (T-Note)** atingiu **3,38%**, sinalizando que os investidores apostavam em até três reduções nas taxas de juros ao longo de **2026**.

No entanto, essa trajetória foi bruscamente revertida por um choque geopolítico entre **28 de fevereiro** e **2 de março**, quando conflitos militares envolvendo os **Estados Unidos, Israel** e o **Irã** geraram instabilidade global. A crise paralisou o tráfego no **Estreito de Hormuz**, por onde passa **1/5** da produção mundial de petróleo, fazendo o barril tipo **WTI** saltar para **88 dólares** e o **Brent** ultrapassar os **90 dólares**. Contrariando o padrão de busca por ativos seguros, os rendimentos dos títulos subiram porque o medo da inflação superou a preocupação com o crescimento; o **Título do Tesouro de 10 anos (T-Bond)** voltou para o patamar de **4,17%** e as expectativas de cortes de juros foram reduzidas para apenas uma intervenção de **25 pontos-base** no final do ano.



# Panorama Econômico

Apesar da volatilidade, a curva de juros permaneceu positiva, com o spread entre os **Título do Tesouro de 10 anos (T-Bond)** e **Nota do Tesouro de 2 anos (T-Note)** variando entre **72 e 60 pontos-base**, sugerindo que a economia ainda apresentava resiliência contra uma recessão imediata. Enquanto a **Letra do Tesouro de 52 semanas (T-Bill)** manteve estabilidade entre **3,45% e 3,50%**, o impacto na economia real foi sentido nas taxas de hipoteca de **30 anos**, que retornaram ao nível de **6,00%**. Ao final do mês, o cenário era de incerteza para o **Federal Reserve**, que se viu diante do dilema de estimular uma economia em desaceleração ou combater a nova pressão inflacionária vinda dos custos de energia.

## ❖ DOLLAR INDEX (DXY)

O **Dollar Index (DXY)** funciona como um termômetro da força da moeda americana frente a uma cesta de seis divisas desenvolvidas, sendo o **Euro (57,6%)** e o **Iene Japonês (13,6%)** seus componentes de maior peso. Em **fevereiro de 2026**, o índice buscou uma recuperação gradual após ter registrado a mínima de **5 anos de 95,55 pontos** no final de **janeiro**, período marcado pela "**Crise da Groenlândia**". Ao longo do mês, o **DXY** oscilou entre a mínima de **96,49** e a máxima de **99,68 pontos**, resultando em uma valorização mensal de aproximadamente **1,39%**, embora ainda acumulasse uma queda de **12%** em relação aos picos de **110 pontos** observados em **2025**.

Durante a primeira quinzena, o dólar permaneceu pressionado por dados econômicos decepcionantes que reforçaram as apostas em cortes de juros. A economia americana perdeu inesperadamente **92 mil** postos de trabalho, elevando o desemprego para **4,4%**, enquanto as vendas no varejo recuaram **0,2%** e a inflação ao consumidor (**CPI**) desacelerou para **2,4%** ao ano. Esse cenário fez com que o mercado precificasse **48%** de chance de um corte de juros já em **julho**, com a redução de **setembro** totalmente garantida. A incerteza sobre a postura de **Kevin Warsh**, indicado para a presidência do **Federal Reserve**, também contribuiu para que o índice operasse em um padrão lateral, respeitando o suporte de **96,00 pontos**.

O cenário mudou drasticamente no final de semana de **28 de fevereiro**, quando o conflito militar entre **EUA, Israel e Irã** gerou um choque nos preços de energia, levando o petróleo **WTI** a **88 dólares** e o **Brent** a passar dos **90 dólares**. Embora o dólar tenha atraído fluxo como "porto seguro", atingindo picos de **99,68 pontos**, sua valorização foi limitada pelo medo de que a energia cara gerasse inflação importada, dificultando a gestão da política monetária. O mês encerrou com o **DXY** preso em um intervalo de **8 meses** entre **96,00 e 100,00 pontos**, aguardando definições sobre a escalada no **Oriente Médio** e os próximos passos do **Fed**.



# Panorama Econômico

## ❖ MERCADO DE TRABALHO

O mercado de trabalho americano mostrou sinais de moderação no final de 2025. Em dezembro, foram criadas **50 mil vagas**, abaixo das expectativas, enquanto a **taxa de desemprego** manteve-se em **4,4%**. A média mensal de geração de empregos caiu de **168 mil em 2024** para apenas **49 mil em 2025**, evidenciando desaceleração.

Os ganhos concentraram-se em **serviços de alimentação, saúde e assistência social**, enquanto o **varejo perdeu postos**. Os **salários cresceram 3,8% em 12 meses**, ritmo moderado que ajuda a conter pressões inflacionárias.

Esse cenário reforça a ideia de um **“pouso suave” da economia**, com o mercado de trabalho equilibrado: nem superaquecido, nem em crise, em linha com os objetivos do **Federal Reserve** de controlar a inflação sem provocar recessão.

## ❖ INFLAÇÃO

Entender a inflação americana em fevereiro de 2026 é como assistir a um cabo de guerra: de um lado, os preços de produtos do dia a dia esfriando; do outro, choques globais puxando a corda de volta. Aqui está o resumo do que rolou:

O CPI (Índice de Preços ao Consumidor) de **janeiro de 2026** trouxe um otimismo inicial ao mercado, registrando uma variação mensal de apenas **0,2%**. No acumulado de **12 meses**, a inflação desacelerou para **2,4%**, o menor nível em quase um ano e abaixo da previsão de **2,5%**. Esse movimento foi "patrocinado" principalmente pela queda nos preços de energia, que recuaram **0,1%** no mês, com a gasolina despencando **7,5%**. Até o setor de habitação, que costuma ser bem teimoso, mostrou sinais de cansaço, caindo para **3,0%** ao ano. Se olharmos apenas para esses dados, parecia que a meta de **2,0%** do Federal Reserve estava logo ali na esquina.

A calma durou pouco. Quando o PCE (Índice de Despesas de Consumo Pessoal) de **dezembro** foi divulgado, o tom mudou. Como esse é o indicador favorito do Fed, a alta mensal de **0,4%** e o acumulado anual de **2,9%** ligaram o alerta vermelho. O "núcleo" do PCE, que ignora comida e energia para ver a inflação real, bateu **3,0%**, superando os **2,8%** do mês anterior. Isso aconteceu porque, apesar de alguns produtos estarem mais baratos, os americanos continuaram gastando — os gastos dos consumidores subiram **0,4%** e a renda pessoal cresceu **0,3%**. Essa resiliência no consumo dificulta a vida do Banco Central, que precisa que a economia dê uma "esfriada" para a inflação sossegar de vez.



# Panorama Econômico

## ❖ JUROS

A política monetária dos **Estados Unidos** atravessou em **fevereiro de 2026** um cabo de guerra entre o controle da inflação e a pressão política. O **Federal Reserve (Fed)** optou por manter a taxa de juros no intervalo de **3,50% a 3,75%** ao ano, após a reunião do **FOMC** nos dias **27 e 28 de janeiro**. Essa decisão, antecipada por **97%** do mercado, consolidou uma pausa após o ciclo de cortes iniciado em **setembro de 2025**, que já havia reduzido os juros em **1,75%** desde o pico de **2024**. No entanto, a paz interna foi quebrada: dos **12** membros votantes, **10** apoiaram a manutenção, enquanto **2** dissidentes pediram um corte adicional de **25 pontos-base**, sinalizando que nem todos no "juizado" financeiro concordam sobre o nível de aperto da economia.

A temperatura subiu ainda mais com o embate direto entre o **Fed** e a Casa Branca. O presidente **Donald Trump** pressionou publicamente por juros próximos a **1%** e chegou a insultar **Jerome Powell**, cujo mandato termina em **maio de 2026**. Em meio a batalhas judiciais que testam a independência da instituição nos seus **113 anos** de história, o **Fed** tentou se equilibrar perto da "taxa neutra" (estimada entre **2,5%** e **4,0%**). Enquanto isso, o mercado observava atentamente nomes como **Christopher Waller** e **Kevin Warsh** como possíveis sucessores, tentando adivinhar se o próximo comando será mais rígido ou cederá aos pedidos por crédito barato.

## ❖ RENDA VARIÁVEL

O mercado de ações americano viveu um mês de fortes emoções em **fevereiro de 2026**, após o S&P 500 ter atingido o recorde histórico de **7.002,28 pontos** em **28 de janeiro**. A euforia inicial, vinda de um ganho de **17,1%** em **2025**, foi substituída pela cautela quando gigantes como a **Alphabet** projetaram gastos de até **185 bilhões de dólares** em inteligência artificial, gerando temores sobre o retorno real desses investimentos. Na sessão crítica de **5 de fevereiro**, o S&P 500 caiu **1,23%**, fechando em **6.798,40 pontos**, enquanto o Dow Jones despencou **592,58 pontos (1,20%)** e o Nasdaq declinou **1,59%**. Esse movimento foi agravado por cortes massivos de pessoal, como o da **Block**, que demitiu **4.000** funcionários, quase metade de sua força de trabalho, devido à automação por IA.

A volatilidade foi alimentada pela inflação persistente e por tensões globais extremas que levaram o **índice VIX ("índice do medo")** a patamares acima de **20**, **isso representa que entramos na zona de alerta e que o mercado está nervoso**. O clima pesou após o **PPI (inflação no atacado)** subir **0,5%** em **janeiro**, superando a expectativa de **0,3%**, o que reacendeu o medo de juros altos por mais tempo. O golpe final veio entre **28 de fevereiro** e **2 de março**, com o conflito militar envolvendo **EUA, Israel e Irã**, que paralisou o **Estreito de Hormuz**. Como consequência, o **petróleo WTI** disparou para quase **88 dólares** e o **Brent** ultrapassou os **90 dólares**, forçando os rendimentos dos títulos de **10 anos** a voltarem para o nível de **4,00%** e os principais índices acionários a encerrarem o mês em território negativo.



# Panorama Econômico

Apesar do pânico, setores de defesa e energia surgiram como refúgios, com a **Northrop Grumman** saltando **6%** e a **Exxon Mobil** ganhando **1,1%**. O Bitcoin também atraiu investidores em busca de ativos descentralizados, atingindo **71,399 dólares**, embora ainda estivesse **40%** abaixo do seu recorde de **126.000 dólares** em **outubro de 2025**. No campo econômico, a criação de **63.000** empregos em **fevereiro** (superando a previsão de **48.000**) trouxe algum alento, contrapondo-se ao crescimento fraco do PIB de apenas **1,4%** no final de **2025**. Para o fechamento de **2026**, analistas de Wall Street ainda projetam um cenário otimista para o **S&P 500**, com alvos entre **7.500** e **7.800 pontos**, desde que a produtividade via IA se transforme em lucro real.



# Panorama Econômico

## INDICADORES DE ATIVIDADE AMERICANO

### ❖ PIB

O PIB dos EUA no quarto trimestre de **2025** cresceu apenas **1,4%** anualizado, um tombo considerável frente aos **4,4%** do trimestre anterior e muito abaixo dos **3,0%** esperados. O grande vilão foi o shutdown federal de **43 dias** (o mais longo da história), que amputou entre **1,5** e **2,0** pontos percentuais do crescimento. Esse fechamento deixou cerca de **800.000** funcionários sem salário e causou prejuízos permanentes entre **7 bilhões** e **14 bilhões de dólares**. No fechamento de **2025**, o crescimento anual foi de **2,2%**, consolidando uma tendência de queda após os **2,8%** de **2024** e **2,9%** de **2023**.

A análise interna do PIB mostrou uma divisão clara: o consumo, que representa **68%** da economia, desacelerou para **2,4%**, evidenciando uma "economia em forma de K", onde os mais ricos gastam em serviços enquanto os **60%** mais pobres lutam contra a inflação. O destaque positivo foi o investimento em Inteligência Artificial, com a propriedade intelectual saltando **7,4%** e equipamentos subindo **3,2%**. No entanto, viveu-se uma "expansão sem empregos": foram criadas apenas **181.000** vagas em todo o ano de **2025**, um número ínfimo comparado ao **1,459 milhão** de **2024**, elevando o desemprego para **4,4%**.

### ❖ PMI

Os indicadores de atividade econômica dos **Estados Unidos** em **fevereiro de 2026** revelaram uma economia que ainda cresce, mas em um ritmo visivelmente mais cansado. O **PMI Manufatureiro da S&P Global** caiu para **51,6 pontos**, vindo de **52,4** em **janeiro**, registrando a expansão mais fraca desde **julho de 2025**. Embora o índice complete **sete meses** acima da marca de **50 pontos**, o divisor de águas entre crescimento e retração, a produção e os novos pedidos perderam fôlego. O cálculo desse termômetro industrial é rigoroso, composto por **Novos Pedidos (30%)**, **Produção (25%)**, **Emprego (20%)**, **Entrega de Fornecedores (15%)** e **Estoques (10%)**. Um ponto de alívio foi a inflação de custos de insumos, que atingiu o menor nível em **11 meses**.

O setor de serviços, que sustenta cerca de **80%** do PIB americano, apresentou um comportamento divergente entre as principais instituições de pesquisa. Enquanto o **PMI de Serviços do ISM** surpreendeu positivamente ao subir para **56,1 pontos** (superando a previsão de **53,9**), a medição da **S&P Global** foi mais pessimista, recuando para **51,7 pontos**. Essa diferença de percepção reflete metodologias distintas, mas o resultado é o mesmo: o setor terciário continua resiliente, porém moderado. No cenário consolidado, o **PMI Composto** recuou de **53,0** para **51,9 pontos**, sinalizando que a atividade econômica geral está avançando em marcha reduzida, prejudicada pela incerteza política e pelas tarifas comerciais da administração **Trump**.



# Panorama Econômico

## ZONA DO EURO



### ❖ INFLAÇÃO

A inflação na Zona do Euro em **fevereiro de 2026** mostrou que o bloco finalmente encontrou o seu "ritmo de cruzeiro" após anos de turbulência. O **HICP** (Índice Harmonizado de Preços ao Consumidor) registrou uma leve aceleração para **1,9%**, subindo em relação aos **1,7%** de **janeiro**, mas permanecendo confortavelmente abaixo da meta de **2%** do Banco Central Europeu (**BCE**). Essa dinâmica esconde uma divisão interessante: enquanto os serviços subiram **3,4%** (impulsionados por salários mais altos), o setor de energia continua em território de deflação, com **queda de -3,2%**. Esse alívio energético, somado a um Euro valorizado acima de **1,20** frente ao dólar, ajudou a neutralizar os custos de importação e as pressões da guerra comercial.

Olhando para o "coração" da economia, a inflação núcleo (**core**), que retira itens voláteis como comida e energia, **recuou para 2,2%** em **janeiro**, o menor nível desde **outubro de 2021**. Esse dado é fundamental porque mostra que a inflação subjacente está perdendo força de forma estrutural. Durante todo o ano de **2025**, o bloco conseguiu manter o indicador oscilando entre **1,7%** e **2,4%**, uma vitória para a gestão macroeconômica do **BCE** diante de um cenário geopolítico complexo envolvendo o conflito na **Ucrânia** e tensões tarifárias com os **EUA**. As expectativas para o futuro seguem ancoradas, com projeções de **1,8%** para o fechamento de **2026** e estabilização em **2,0%** até **2028**.



# Panorama Econômico

## ❖ JUROS

O Banco Central Europeu (**BCE**) optou pela cautela em sua reunião de **6 de fevereiro de 2026**, mantendo as taxas de juros inalteradas pela quinta vez consecutiva. A taxa de **Facilidade Permanente de Depósito** (o principal balizador) permaneceu em **2,0%**, enquanto a de **Refinanciamento** ficou em **2,15%** e a de **Cedência de Liquidez** em **2,4%**. Christine Lagarde, presidente da instituição, reforçou que a prioridade é estabilizar a inflação na meta de **2%** a médio prazo. Com a economia mostrando resiliência e o desemprego em níveis baixos, o **BCE** se sente confortável em adotar uma postura "paciente", observando os dados reunião a reunião antes de qualquer novo movimento.

Vários fatores explicam essa decisão de "esperar para ver". Em primeiro lugar, a inflação na Zona do Euro, que estava em **1,7%** em **janeiro**, subiu levemente para **1,9%** em **fevereiro**, mas ainda segue abaixo do teto da meta. O crescimento do PIB para **2026** foi revisado de **1,1%** para **1,2%**, sinalizando uma recuperação modesta. No câmbio, o Euro atingiu uma máxima de quatro anos, superando os **1,20** em relação ao dólar. Essa valorização da moeda europeia ajuda a segurar a inflação (ao baratear importações), mas acende um alerta para o **BCE**, já que pode prejudicar as exportações do bloco e forçar novos cortes de juros no futuro para equilibrar a competitividade.



## INDICADORES DE ATIVIDADE DA ZONA DO EURO

### ❖ PMI

A economia da Zona do Euro deu sinais de fôlego em **fevereiro de 2026**, com o **PMI Composto** atingindo **51,9** pontos, superando a expectativa de **51,5** e marcando o maior nível em **3** meses. O grande destaque foi a "ressurreição" da indústria: o **PMI de Manufatura** saltou de **49,5** para **50,8**, rompendo a barreira dos **50** pontos (que separa a retração da expansão) pela primeira vez desde **outubro de 2025** e atingindo o patamar mais alto em **44 meses**. Esse avanço foi sustentado pela produção industrial, que subiu para **52,1**, e pelo retorno da demanda, com novos pedidos chegando a **50,9**. Enquanto isso, o setor de serviços seguiu em expansão pelo **14º mês consecutivo**, fechando em **51,9**.

Este possível "ponto de virada" para o setor industrial europeu foi impulsionado, em grande parte, pelo aumento de gastos públicos em infraestrutura e defesa na Alemanha, onde a indústria voltou a crescer após **3,5 anos**. A confiança empresarial também atingiu picos históricos, sendo a maior em **4 anos** para a manufatura. No entanto, a recuperação não é uniforme: enquanto países como a Grécia e os Países Baixos avançaram, a França ficou "no muro" com um **PMI Composto** de **49,9**, sinalizando estagnação. Esse cenário mostra que, embora a base para o crescimento tenha melhorado, o bloco ainda **avança com cautela** devido ao **desequilíbrio de desenvolvimento** entre as regiões.

A inflação é o **principal risco** que pode anular os ganhos dessa melhora. Os custos de insumos dispararam para o nível mais alto em **38 meses**, puxados por uma alta de **12%** a **14%** nos preços de energia (**petróleo** e **gás natural**) desde o início de **janeiro**. Para o **BCE** (Banco Central Europeu), isso cria um dilema: a economia está mais resiliente, mas os preços não param de subir, o que deve manter os juros em **2,0%** até o final de **2026**. Para o mercado brasileiro, esse cenário é estrategicamente favorável: com a **Selic** em **15%**, o diferencial de **13 pontos** percentuais mantém o *carry trade* atrativo, garantindo que o fluxo de capital para o **Brasil** continue interessante enquanto a **Europa** lida com seu crescimento caro e desigual.



# Panorama Econômico

## CHINA



### ❖ INFLAÇÃO

A inflação na China começou o ano de **2026** em "marcha lenta", registrando uma desaceleração que pegou muitos analistas de surpresa. Em janeiro, o **CPI** (Índice de Preços ao Consumidor) **recuou** para apenas **0,2%** na comparação anual, um tombo considerável frente aos **0,8%** de dezembro e abaixo da expectativa de **0,4%**. O grande culpado por esse número tão baixo não foi apenas a economia fria, mas um "efeito calendário": em **2025**, o Ano Novo Lunar (época de muitos gastos) caiu em janeiro, enquanto em **2026** ele foi para fevereiro. Sem o impulso das festas, o índice pareceu artificialmente deprimido, enquanto o **PPI** (Índice de Preços ao Produtor) seguiu em **território negativo** com uma queda de **-1,4%**, embora tenha mostrado uma leve melhora impulsionada pela alta global de metais.

Ao olharmos para dentro da "cesta de compras" chinesa, notamos uma queda de braço entre diferentes setores. Os alimentos foram os vilões da deflação, com **preços caindo -0,7%**, puxados pela carne suína e ovos. No setor de serviços e bens não alimentares, a inflação ficou em **0,4%**, com o setor imobiliário ainda sofrendo (habitação em **-0,1%**) e os transportes **despencando -3,4%**. Em contrapartida, houve um brilho metálico na indústria: os insumos de metais não ferrosos **saltaram 16,1%**, sinalizando que os estímulos do governo começam a fazer efeito em nichos específicos da mineração e fundição, onde os preços ex fábrica chegaram a **subir 22,7%**.



# Panorama Econômico

## ❖ JUROS

O Banco Popular da China (**PBOC**) optou pela estabilidade em sua decisão de **fevereiro de 2026**, mantendo as principais taxas de juros inalteradas pelo **nono mês** consecutivo. A **LPR de 1 ano**, que serve de referência para empréstimos a empresas e famílias, permaneceu em **3,0%**, enquanto a **LPR de 5 anos**, fundamental para o setor de hipotecas, seguiu em **3,5%**. Essas taxas estão em níveis recordes de baixa desde o último corte de **10 pontos-base** realizado em **maio de 2025**. Embora a China tenha cumprido sua meta de crescimento de cerca de **5%** em **2025**, com exportações saltando **6,6%** em **dezembro**, o banco central realizou uma retirada líquida de liquidez de **CNY (Yuan Chinês) 200 bilhões** em fevereiro, sinalizando uma gestão cautelosa do sistema financeiro.

Essa decisão reflete um dilema de política monetária: de um lado, a força das exportações e as margens de lucro apertadas dos bancos desencorajam novos cortes; de outro, a crise imobiliária persistente e o consumo interno fraco pressionam por mais estímulos. Com uma inflação extremamente baixa (**CPI de 0,2%** e **PPI de -1,4%**), existe espaço teórico para afrouxamento, mas o **PBOC** tem preferido focar em ferramentas de curto prazo, como a taxa de **recompra reversa de 7 dias**, que está em **1,4%**. A tendência agora é que o suporte econômico venha de forma direcionada para setores específicos ou através de políticas fiscais, como subsídios, em vez de reduções generalizadas nas taxas de juros.



# Panorama Econômico

## INDICADORES DE ATIVIDADE CHINÊS

### ❖ PIB

A economia da China em **2025** seguiu aquele roteiro de "entregar o prometido, mas com um esforço extra". O país cravou um crescimento de **5,0%** no ano completo, atingindo exatamente a meta oficial, mas o fôlego diminuiu na reta final: o **4º trimestre** registrou **expansão de 4,5%**, o ritmo mais lento em três anos. Esse resultado foi carregado nas costas pelas exportações, que **subiram 6,1%**, gerando um superávit comercial recorde, enquanto o setor de serviços liderou o **avanço interno com 5,4%** (destaque para TI e software com **11,1%**). Por outro lado, a indústria **creceu 4,5%**, impulsionada pela manufatura de alta tecnologia, que **saltou 9,4%**.

Apesar do número bonito no fechamento, os "bastidores" revelam rachaduras estruturais. O consumo doméstico continua sendo o calcanhar de Aquiles do Dragão, com as vendas no varejo **crecendo apenas 3,7%** em **2025**, refletindo uma confiança do consumidor em níveis baixíssimos, lembrando que os gastos das famílias representam **menos de 40%** do PIB chinês. Para piorar, o investimento em ativos fixos **caiu 3,8%**, arrastado pela crise imobiliária que parece não ter fim. Para tentar estancar a sangria, o governo **injetou CNY (Yuan Chinês) 295 bilhões** em projetos de construção e planejou mais de **CNY (Yuan Chinês) 400 bilhões** para infraestrutura, tentando mudar o foco para subsídios e transferências de renda para idosos e crianças.

Para **2026**, o clima é de "**cautela máxima**". O governo chinês estabeleceu uma meta de crescimento entre **4,5%** e **5%**, a mais baixa em décadas, enquanto a ONU projeta algo em torno de **4,6%**. Os riscos são reais: o protecionismo global (especialmente com as ameaças de tarifas de Trump) e a necessidade urgente de reequilibrar a economia para depender menos de obras e mais de compras internas.



# Panorama Econômico

## ❖ PMI

Os indicadores de atividade da China em **fevereiro de 2026** contaram duas histórias diferentes, deixando os investidores em alerta. De um lado, o **PMI oficial (NBS) caiu para 49,0** pontos, sinalizando que a **indústria "encolheu"** pelo segundo mês seguido e igualando as baixas de **2025**. Do outro, o **PMI privado (RatingDog/S&P Global)** deu um show, **disparando para 52,1**, o **maior nível** em mais de **cinco anos**. O culpado por essa confusão estatística foi o feriado do Ano Novo Lunar, que paralisou fábricas e distorceu os dados, mas a média entre os dois índices (**50,5**) indica que o motor econômico chinês ainda está girando, atingindo sua melhor fase em **cinco meses**.

O segredo dessa disparidade está em "quem" as pesquisas ouvem. **O governo chinês consulta** mais de **3.000 grandes empresas** focadas no mercado interno, que sentem mais o peso das paralisações, enquanto a **pesquisa privada foca em cerca de 650** fabricantes ágeis e exportadores. Estes últimos estão em plena aceleração: os novos pedidos de **exportação tiveram a alta mais forte** desde **setembro de 2020** e a **confiança empresarial atingiu um pico de 11 meses**. Mesmo com os custos de produção subindo para o nível mais alto desde **junho de 2022**, puxados pelo preço dos metais, a indústria exportadora parece estar contornando as barreiras comerciais e diversificando suas vendas para a Europa e América Latina.



# Panorama Econômico

## BRASIL



### ❖ JUROS

O **Copom** (Comitê de Política Monetária) manteve a taxa **Selic** em **15%** ao ano em sua primeira reunião de **2026**, consolidando o **Brasil** com a maior taxa de juros reais do mundo. Esta foi a quinta manutenção consecutiva no patamar mais alto desde **julho de 2006**, quando a taxa era de **15,25%**. A decisão foi unânime, mas o comitê operou desfalcado devido ao fim dos mandatos de dois diretores em **dezembro de 2025**. O foco permanece na convergência da inflação, após o **IPCA** de **2025** ter fechado em **4,26%**, dentro do teto da meta de **4,5%**, enquanto o **IPCA-15** de **janeiro de 2026** registrou uma desaceleração para **0,20%**.

A justificativa para o rigor monetário reside na instabilidade vinda de fora. O Banco Central alertou que o "**ambiente externo ainda se mantém incerto em função da conjuntura e da política econômica nos Estados Unidos, com reflexos nas condições financeiras globais**", ressaltando que "**tal cenário exige cautela por parte de países emergentes em ambiente marcado por tensão geopolítica**". Essa preocupação reflete a volatilidade dos juros americanos (**3,50% a 3,75%**) e o impacto das tarifas comerciais e conflitos no **Oriente Médio**, que podem pressionar o câmbio e a inflação brasileira via preços de energia.

Apesar do tom cauteloso, o **Copom** abriu a porta para mudanças, sinalizando que pode iniciar a flexibilização na reunião de **17 e 18 de março de 2026**. O mercado financeiro (Boletim Focus) já projeta que a **Selic** encerre o ano entre **12,25%** e **12,50%**, embora o Banco Central preveja um **IPCA** de **3,5%** para o fim de **2026**. Para gestores de **RPPS** e o setor bancário, este cenário mantém a atratividade da renda fixa brasileira frente à **Europa (2,0%)** e **China (3,0%)**, criando uma oportunidade tática para alongar o prazo dos títulos antes que as taxas comecem a cair de forma consistente.



# Panorama Econômico

## ❖ INFLAÇÃO

Em fevereiro de 2026, a inflação brasileira (IPCA) registrou alta de **0,70%**, uma aceleração em relação aos 0,33% de janeiro. No entanto, esse movimento não é motivo para pânico: ele é majoritariamente **sazonal**, impulsionado pelos reajustes de mensalidades escolares (o grupo **Educação saltou 5,21%**) e aumentos em passagens aéreas e seguros de veículos. O dado mais importante para o longo prazo é o acumulado de 12 meses, que caiu de 4,44% para **3,81%**, aproximando-se da meta de 3% e confirmando uma trajetória de queda consistente nos preços.

A análise detalhada mostra que o peso da inflação foi sentido de forma diferente dependendo da renda e da região. O **INPC** (inflação para famílias de menor renda) subiu menos que o IPCA (**0,56%**), justamente porque o custo da educação privada pesa menos no orçamento dessas famílias. Enquanto o grupo de Alimentos e Bebidas permaneceu estável e os combustíveis caíram, as capitais sentiram impactos variados: **Fortaleza** teve a maior alta (0,98%) por reajustes locais em combustíveis e escolas, enquanto **Rio Branco** teve a menor (0,07%) graças à queda na conta de luz.



# Panorama Econômico

## INDICADORES DE ATIVIDADE BRASILEIRO

### ❖ PMI

A indústria brasileira começou **2026** ainda tentando encontrar o freio para parar de descer a ladeira. Em **fevereiro**, o **PMI Industrial** registrou uma leve melhora, subindo de **47,0** em janeiro para **47,3 pontos**, mas como esse indicador está abaixo da marca de **50 pontos**, ele completa agora **10 meses consecutivos** em território de contração. O setor sofre com a queda acelerada nos novos pedidos e o aumento nos custos de insumos, o que acaba encarecendo o preço final e tirando o poder de competição das fábricas. Com a **Selic** estacionada em **15%**, o crédito caro funciona como uma "âncora" que impede a decolagem da produção no curto prazo.

Por outro lado, vivemos uma economia de "duas velocidades": enquanto as chaminés das fábricas esfriam, o setor de serviços continua aquecido. No final de **2025**, o **PMI de Serviços** saltou para **53,7 pontos**, ajudando o **PMI Composto** a fechar dezembro em **52,1**, a primeira expansão do setor privado em **9 meses**. Essa resiliência mostra que o setor terciário aguenta melhor o tranco dos juros altos e da incerteza externa, servindo como o principal escudo para o PIB brasileiro, enquanto a indústria apanha da concorrência de produtos importados, especialmente os chineses, e da demanda doméstica ainda tímida.

As fichas para uma virada estão depositadas no segundo semestre de **2026**. A esperança dos fabricantes reside no início do ciclo de corte de juros sinalizado pelo Copom para **março de 2026** e no impulso extra que a **Copa do Mundo** realizada no Brasil deve trazer para o consumo. Embora o mercado projete uma **Selic** ainda elevada de **12,25%** a **12,5%** para o fim do ano e um crescimento do PIB modesto de **1,8%**, gestores de **RPPS** e do mercado bancário já olham para esse cenário como um possível ponto de inflexão. A estratégia agora é cautela na seleção de crédito industrial e atenção redobrada aos setores beneficiados pelo consumo direto, aguardando o momento em que a indústria voltará a respirar acima dos **50 pontos**.



# Panorama Econômico

## ❖ CÂMBIO

O real brasileiro vestiu a camisa de "destaque global" em **fevereiro de 2026**, consolidando uma trajetória de valorização que deixou muitos investidores de queixo caído. A cotação do dólar chegou a **recuar para R\$ 5,1251** em **25 de fevereiro**, atingindo seu menor nível desde **maio de 2024**. No acumulado do mês, a **moeda brasileira se fortaleceu 2,95%**, e se olharmos para os últimos **12 meses**, a **valorização é de impressionantes 11,69%**. Esse desempenho é ainda mais impactante quando lembramos que, no final de **2025**, a moeda americana operava acima dos **R\$ 6,00**, acumulando uma queda de aproximadamente **11%** desde aquele pico histórico recente.

O segredo por trás dessa força bruta do real é o que o mercado chama de "motor de juros". Com a taxa **Selic** estacionada em **15%** ao ano, o maior patamar desde **julho de 2006**, o Brasil oferece um juro real de cerca de **10,5%** (já descontando a inflação de **4,44%**). Esse diferencial massivo frente aos **EUA (3,5% - 3,75%)** e à **Europa (2,0%)** atrai uma enxurrada de capital via *carry trade*. Somado a isso, o cenário externo ajudou: o índice **DXY** (força global do dólar) caiu, o superávit comercial de janeiro bateu **US\$ 4,34 bilhões** e o Tesouro Nacional captou **4,5 bilhões de dólares** em bônus no exterior, inundando o mercado doméstico com a moeda norte-americana.

Para o restante de **2026**, o clima é de otimismo vigilante. Embora o **Boletim Focus** projete o dólar encerrando o ano em **R\$ 5,50**, muitos analistas veem uma tendência de baixa sustentada pela atratividade dos nossos juros, mesmo com cortes graduais previstos para a **Selic (12,25% - 12,50% ao fim do ano)**.



# Panorama Econômico

## ❖ BOLSA DE VALORES

O **Ibovespa** viveu um mês histórico em **fevereiro de 2026**, atingindo o fechamento de **188.786,98 pontos** e acumulando uma alta de **4,09%** no mês e **13,64%** no ano. O índice quebrou barreiras simbólicas, alcançando a máxima histórica intradia de **192.623,56 pontos** no dia **25 de fevereiro**. Somente nos primeiros **2 meses** de **2026**, foram registrados **15** recordes de fechamento, o que representa quase metade de todo o movimento observado em **2025**. Essa valorização significa um salto de mais de **24,3 mil pontos** desde o fim do ano passado, quando a bolsa estava em **164.455 pontos**, mantendo uma liquidez robusta com volume financeiro médio diário entre **R\$ 34** e **R\$ 36 bilhões**.

A principal força por trás dessa euforia foi a entrada massiva de capital estrangeiro, que somou quase **R\$ 41,6 bilhões** em **2026** (sendo **R\$ 15,3 bilhões** apenas em fevereiro). O investidor internacional foi atraído pelo **juro real brasileiro de aproximadamente 10,5%**, fruto da Selic em **15%** contra uma inflação de **4,44%**, e pela desvalorização global do dólar. Além disso, o cenário político interno também mexeu com os preços após uma pesquisa no dia **24 de fevereiro** mostrar um candidato de oposição numericamente à frente por **0,1pp**, o que foi bem recebido por setores pró-mercado. No campo das empresas, as "blue chips" como Vale e Petrobras sustentaram a alta, beneficiadas por picos no petróleo Brent, que chegou a **subir 6,7%** em um único dia devido a tensões geopolíticas.

Apesar dos recordes, o mercado iniciou **março** com uma **correção técnica** de **3,28%**, levando o índice para **183.104,87 pontos** no **dia 3**. Para o restante de **2026**, as projeções variam entre **195 mil** e **196 mil pontos**, mas o caminho é cercado de riscos, como as eleições presidenciais de **outubro** e as tensões fiscais, mesmo após o superávit de **R\$ 86,9 bilhões** em janeiro. O mercado aguarda agora a reunião do Copom nos dias **17** e **18 de março** para confirmar o início dos cortes de juros.



# Panorama Econômico

## ❖ RENDA FIXA

Os índices de renda fixa no Brasil em **fevereiro de 2026** contam uma história de otimismo com a queda dos juros, mas com os pés no chão. Aqui está o resumo dos destaques:

Os títulos atrelados ao **IPCA** foram as estrelas do mês. O **IMA-B Geral** entregou um retorno de **1,79%**, mas o verdadeiro destaque foi o **IMA-B 5+** (títulos acima de **cinco anos**), que saltou impressionantes **2,24%**. Esse ganho robusto aconteceu por causa da "marcação a mercado": como o mercado espera que o **Copom** comece a cortar a **Selic** em **50 pontos-base** na reunião de **17-18/mar**, os títulos longos se valorizam antecipadamente. Enquanto isso, o **IMA-B 5** (títulos mais curtos) teve uma alta mais modesta de **1,22%**.

Para quem aposta em taxas fixas, o clima foi de "confia, mas olha o retrovisor". O **IRF-M** subiu **0,99%**. Curiosamente, os títulos de curto prazo (**IRF-M 1**) renderam **1,02%**, superando os de longo prazo (**IRF-M 1+**), que ficaram em **0,97%**. Essa pequena diferença mostra que o investidor ainda tem um pé atrás: com o **IPCA** de **janeiro** em **4,44%** ao ano, beliscando o teto da meta de **4,5%**, ninguém quer arriscar tudo em prazos longos caso a inflação resolva não colaborar com os cortes de juros prometidos por **Gabriel Galípolo**.

O **IMA-S** (Tesouro Selic) continuou sendo o porto seguro, rendendo **1,01%** no mês, acompanhando a **Selic** mantida em **15%**. Por fim, o **IMA-Geral** equilibrou a carteira com alta de **1,18%**.



# Panorama Econômico

## CONCLUSÃO, PERSPECTIVAS E RECOMENDAÇÕES

Fevereiro de 2026 foi um mês de contrastes brutais que desafiaram até os analistas mais experientes, assemelhando-se a uma montanha-russa onde os carrinhos da frente celebram recordes enquanto os de trás ainda lutam para ganhar impulso. De um lado, vimos a **euforia dos terminais financeiros**, com um Ibovespa imparável e um Real que se consolidou como uma das moedas mais fortes do mundo; do outro, o calor das **tensões geopolíticas no Oriente Médio** serviu como um lembrete severo de que choques externos podem redesenhar o futuro dos juros globais em questão de dias. Vivemos a era da "economia de duas velocidades", onde o brilho das bolsas esconde uma indústria que ainda busca fôlego para sair da retração.

Estamos agora diante de um ponto de inflexão que não permite hesitação. Com a **Selic estacionada no topo**, mas com a promessa de cortes batendo à porta para março, abre-se uma janela de oportunidade rara e passageira: a chance de capturar o rendimento dos juros elevados enquanto se posiciona para a valorização dos ativos que ganharão fôlego com a queda das taxas.

## PERSPECTIVAS

O ano de **2026** surge no horizonte como o grande palco de uma "**dança das cadeiras**" **global**, onde o nome do jogo é a recalibração. Estamos deixando para trás a era do dinheiro apertado para entrar em uma transição delicada: enquanto os gigantes como EUA e Europa caminham na corda bamba entre o suporte ao crescimento e o medo de novos choques de energia, o **Brasil segura o "bilhete dourado"**. Temos juros que atraem o olhar do mundo inteiro, mas a verdadeira magia começa agora em março, com o sinal verde para a queda das taxas. É aquele momento raro em que o mercado financeiro para de apenas "se proteger" e começa a caçar as oportunidades reais de valorização que só aparecem em grandes viradas de ciclo.

Contudo, não se deixe enganar pelo brilho dos recordes; **2026 exige a visão estratégica**. A travessia não será uma linha reta: temos uma China se reinventando, um mundo em alerta geopolítico e o calor de um ano eleitoral em casa que promete testar os nervos. A grande jogada será saber migrar da segurança total para a proteção inteligente, aproveitando o impulso que eventos como a **Copa do Mundo** trazem para o consumo interno e para o ânimo nacional. Em resumo, 2026 é o ano para ser ágil o suficiente para pegar a curva de alta, mas pé no chão o bastante para não se perder no barulho das notícias. O cenário é de transição, e quem souber ler os sinais antes da multidão terá o melhor assento para a retomada.



# Panorama Econômico

## RECOMENDAÇÃO

Diante do cenário atual e das perspectivas, recomenda-se que o RPPS adote uma estratégia de investimentos equilibrada, priorizando segurança e liquidez, mas sem deixar de aproveitar oportunidades gradualmente emergentes. De forma prática, a orientação é:

- **Manter participação em renda fixa pós-fixada (CDI, GESTÃO LIVRE e IRFM 1)**, aproveitando o retorno elevado proporcionado pela Selic no curto prazo.
- **Manter e avaliar aumento gradual de posições em IPCA+ (IMA B 5)**, buscando proteção contra inflação e alongamento de duration com cautela.
- **Considerar incremento moderado em renda variável**, priorizando setores defensivos e ativos com fundamentos sólidos.
- **Avaliar exposição internacional** como instrumento de diversificação e proteção contra riscos domésticos.
- **Reforçar análise de crédito privado (LF, CDB, FIDC)**, priorizando emissores de alta qualidade e com rating consistente.

A estratégia mais adequada para o momento é de **gestão ativa com foco em preservação de capital**, mas já incorporando movimentos graduais para capturar ganhos futuros, alinhada à Política de Investimentos e ao perfil previdenciário de longo prazo.

**Diego Lira de Moura**  
Economista  
Consultor de Valores Mobiliários

**Marcelo Silva**  
Contabilista  
Especialista em Investimentos CEA



# Panorama Econômico

## PRÓ GESTÃO-NÍVEL

		COMUM	I	II	III	IV
<b>RENDA FIXA</b>		<b>60,0%</b>	<b>55,0%</b>	<b>50,0%</b>	<b>40,0%</b>	<b>35,0%</b>
<b>LONGUÍSSIMO PRAZO</b>	IMA-B 5+	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
<b>LONGO PRAZO</b>	IMA-B	2,50%	2,50%	2,50%	2,50%	2,50%
	IMA-GERAL	2,50%	2,50%	2,50%	2,50%	2,50%
<b>GESTÃO DURATION</b>		5,00%	5,00%	5,00%	5,00%	5,00%
<b>MÉDIO PRAZO</b>	IMA-B 5 /IDKA 2A	10,0%	10,0%	7,50%	2,50%	2,50%
	IRFM / IRFM 1+	5,00%	5,00%	2,50%	2,50%	2,50%
<b>CURTO PRAZO</b>	CDI	5,00%	2,50%	5,00%	0,00%	0,00%
	GESTÃO LIVRE	5,00%	2,50%	2,50%	2,50%	0,00%
	IRFM 1	5,00%	5,00%	2,50%	2,50%	0,00%
<b>TÍTULOS PRIVADOS</b>	LF / CDB	15,0%	15,0%	15,0%	15,0%	15,0%
	FIDC / CRÉDITO PRIVADO	5,00%	5,00%	5,00%	5,00%	5,00%
<b>RENDA VARIÁVEL</b>		<b>30,0%</b>	<b>35,0%</b>	<b>40,0%</b>	<b>50,0%</b>	<b>55,0%</b>
<b>FUNDOS DE AÇÕES</b>		20,0%	25,0%	30,0%	40,0%	42,5%
<b>MULTIMERCADOS</b>	NACIONAL	2,50%	1,50%	1,50%	1,50%	2,50%
	INTERNACIONAL	2,50%	1,50%	1,50%	1,50%	2,50%
<b>FUNDOS DE PARTICIPAÇÕES</b>		0,00%	2,50%	2,50%	2,50%	2,50%
<b>FUNDOS IMOBILIÁRIOS</b>		5,00%	5,00%	5,00%	5,00%	5,00%
<b>INVESTIMENTO NO EXTERIOR</b>		<b>10,0%</b>	<b>10,0%</b>	<b>10,0%</b>	<b>10,0%</b>	<b>10,0%</b>
<b>FUNDOS DE INV. NO EXTERIOR</b>		10,0%	10,0%	10,0%	10,0%	10,0%